

Haroldo Holanda**Parlamentarismo,
tese em ascensão**

Numa conversa descontraída, ontem à tarde, em seu gabinete, sem que sequer fosse interrompido pelo tocar da campainha do telefone, o deputado Pimenta da Veiga, em vias de abandonar a liderança do governo na Câmara, comentou e analisou problemas políticos e econômicos da hora presente e do futuro. Uma de suas preocupações na Constituinte será propor um regime parlamentar de governo, calcado na experiência do sistema alemão, inclusive com o voto distrital misto. E da opinião de que os políticos, com senso de responsabilidade, precisam criar instituições respeitáveis para que o Brasil se livre da nódoa que o envergonha de constantes intervenções militares em sua história.

Para Pimenta da Veiga, o ideal seria que o parlamentarismo começasse a vigorar após o término do atual mandato presidencial, "para não termos a oposição do presidente da República, o que não é pouco, ao novo regime". Confessa, no entanto, que o presidente Sarney já lhe declarou ser preciso dotar o país de um sistema de governo em que as responsabilidades possam ser divididas. Entendeu isso como um gesto de simpatia pelo parlamentarismo. Também sobre o mesmo tema tem conversado longamente com o deputado Ulysses Guimarães, que sempre foi um presidencialista convicto. Embora se trate de avaliação de caráter pessoal e subjetiva, acredita ter havido a esse respeito uma evolução positiva do pensamento de Ulysses.

No que depender de sua vontade pessoal, Pimenta vai lutar para que o PMDB se defina sobre uma série de questões a respeito da vida nacional. No seu julgamento, isso poderá acarretar a curto prazo em perdas para o partido, mas a longo prazo dará maior consistência e unidade ao comportamento do PMDB como organização política. E imprescindível, segundo seu entendimento, que se dê condições de vida longa e duradoura aos partidos, a fim de que o sistema democrático possa funcionar a contento.

Outro aspecto abordado pelo líder do governo é o da necessidade que o país tem de estruturar rapidamente os seus serviços burocráticos, não só para atender às exigências crescentes da administração numa moderna sociedade, como também para oferecer suporte a um regime parlamentar de governo. Com a existência de uma burocracia estável, o país pode funcionar ininterruptamente, mesmo em períodos de grave crise política. É essencial, na sua opinião, que a maioria das funções públicas seja exercida por burocratas estáveis. Deve-se acabar com o hábito de que padece o serviço público, o qual com grande frequência sofre alterações em suas fileiras, que alcançam desde o diretor da Receita Federal ao delegado local de polícia. Os cargos de confiança ficariam limitados ao mínimo possível, a exemplo do que acontece em países de democracia estável.

Quanto ao problema econômico, Pimenta identifica na dívida externa a origem dos males de maior gravidade que afligem no momento a economia brasileira. Resolvida essa questão, acredita que tudo se solucionaria mais facilmente. Também atribui grande importância ao pacto social, como elemento capaz de equacionar os conflitos de ordem interna.

O deputado pernambucano Fernando Lyra informa que não volta atrás na decisão de disputar a presidência da Câmara. Quando se faz menção ao fato de que alguns amigos pensam em encontrar para ele uma saída honrosa, responde que se consideraria desonrado, se a esta altura desistisse de sua candidatura. Acha que não tem mais caminho de volta e que tem tudo para ganhar as eleições de Ulysses.

Os amigos de Lyra também o têm advertido de que em torno da candidatura de Ulysses irá se somar um conjunto de forças capazes de esmagá-lo, impondo-lhe derrota humilhante. Responde nessas ocasiões que não admitirá a repetição, pelo PMDB, de operação política idêntica a que guindou à presidência da Câmara o deputado Marchezan, ao tempo da Arena. Naquela oportunidade, o governo Figueiredo mobilizou toda a sua máquina, inclusive o Ministério da Previdência Social, para derrotar seu oponente, Djalma Maranhão. Se houver a repetição desse episódio, promete denunciar de público, transformando-o num escândalo político.

Lyra esteve esta semana no Rio e almoçou com o governador eleito Wellington Moreira Franco, que lhe confessou a disposição de apoiar Ulysses. Ao despedir-se de Lyra, o governador, ironicamente, fez-lhe apelo para não aparecer no Rio no próximo carnaval. Era uma alusão ao fato de que em ano anterior, Lyra viu o carnaval do Rio, a convite do grande adversário político de Moreira Franco, o governador Brizola. Justificativa também irônica de Lyra:

— Naquela época você era brizolista e eu vim ao Rio como ministro da Justiça, a convite do governador Brizola...

Pescoço de governador

O ex-governador e senador eleito pelo Espírito Santo, Gerson Camata, vê como a maior ameaça que pode dividir irremediavelmente o PMDB a rivalidade e a luta entre os governadores que estão saindo do poder e os que estão em vias de tomar posse. Outro dia, a propósito, ao entrar no gabinete do ministro Antônio Carlos Magalhães, este lhe propôs funcionar como seu assessor, dado os conhecimentos que acumulou sobre a matéria, nas suas divergências com seu sucessor.

— Todo governador que entra — ensinou o ministro — quer pisar na garganta do seu sucessor para ver o tamanho da sua língua...

Assunto do Leônidas

Ontem, ao chegar ao seu gabinete de presidente da Câmara, o deputado Ulysses Guimarães foi insistentemente convidado pelos jornalistas a fazer algumas declarações. Refutou todas as propostas. No final, pediram que ele falasse ao menos sobre o gatilho salarial.

— Sobre isso eu não falo por se tratar de problema do Leônidas — desculpou-se com bom humor.